

## DESVELAR A EDUCAÇÃO DOS CORPOS DE ESCOLARES SERTANEJOS EM MINAS GERAIS: UM DESAFIO HISTORIOGRÁFICO

Elisângela Chaves  
Anne Karen da Silva Mendes

### RESUMO

O presente trabalho em andamento objetiva socializar os desafios e dificuldades que temos enfrentado para desvelar através de abordagem histórica a proposta da educação corporal no período de 1906 a 1927. Através da identificação, mapeamento e catalogação de fontes, buscamos subsídios para a compreensão das práticas cotidianas dos alunos pertencentes a três Grupos Escolares do norte de Minas Gerais, região sertaneja do Estado. Diante da escassez de fontes documentais, fez-se necessário a revisão metodológica do projeto, e o alargamento das informações abrangendo estudos de memorialistas e relatos orais.

Palavras-chaves: educação corporal, higienismo, grupos-escolares.

### ABSTRACT

This work in progress aims to share the challenges and difficulties we face in historical approach by unveiling the proposal in the body of education from 1906 to 1927. Through the identification, mapping and cataloging of sources, seek grants for the understanding of everyday practices of students belonging to three school groups of northern Minas Gerais, sertaneja region of the state. Given the scarcity of documentary sources, it was necessary to review the methodology of the project and the expansion of information including studies of memorial and oral reports.

Keywords: education body, hygiene, school-groups.

### RESUMEN

Este trabajo en curso apunta a compartir los desafíos y dificultades que enfrentamos en la histórica presentación de la propuesta en el cuerpo de la educación de 1906 a 1927. A través de la identificación, catalogación y cartografía de las fuentes, buscar subvenciones para la comprensión de las prácticas cotidianas de los estudiantes pertenecientes a tres grupos de escolares del norte de Minas Gerais, Sertaneja región del estado. Dada la escasez de fuentes documentales, es necesario revisar la metodología del proyecto y la ampliación de la información, incluidos los estudios de memoria y los informes orales.

Palabras clave: educación corporal, la higiene, los grupos de la escuela.

### 1- O contexto

Este texto é parte de uma pesquisa em andamento financiada pela FAPEMIG e desenvolvida pelo *Grupo de Pesquisa História, Educação e Sociedade (GHES)* da Universidade Estadual de Montes Claros- UNIMONTES. Dentre os objetivos propostos na pesquisa destacamos a identificação, o mapeamento e a catalogação de fontes que

possam dar subsídios para o entendimento histórico sobre a educação do corpo nas práticas cotidianas escolares dos alunos pertencentes a três grupos escolares do norte de Minas Gerais, região sertaneja do Estado.

O estudo é decorrente do projeto de pesquisa intitulado “Cultura social e cultura escolar: a construção de ideários e sujeitos nos grupos escolares norte-mineiros (1906-1927)”. A investigação deste tema esta centrada em três análises: a compreensão do movimento de reordenação das cidades com o projeto de implantação dos grupos escolares, a comparação da implantação do projeto político pedagógico proposto pelo Estado de Minas Gerais nas diversas localidades pesquisadas, e as relações entre *tempo*, *espaço* e *corpo* à luz da cultura social e da cultura escolar.

Focar o período da primeira república no território sertanejo norte-mineiro foi considerada por nós tarefa desafiadora, tendo em vista a escassez de pesquisas e a complexidade desta sociedade no recorte do período. O sertão permeado de diferenças entre o limiar do bárbaro e do civilizado esta em toda parte, como já dizia Guimarães Rosa, mas o sertão mineiro, o sertão das Gerais, não estava nas Minas, assim como as Minas não estavam nas Gerais<sup>1</sup>. O estado mineiro historicamente desenvolveu-se com grotescas diferenças regionais. Os ideários são propostos para o todo, mas os investimentos, o acesso e a incorporação são distintos do que convencionou-se identificar como as Minas referindo-se as regiões centrais e sul do Estado, onde predominavam as riquezas minerais e o desenvolvimento agropecuário e as Gerais, nos sertões onde não estavam as riquezas das Minas. Nas Minas ficaram a administração política, econômica, assim como os grandes investimentos na cultura e na educação, nas Gerais estavam os problemas das secas, do calor, do analfabetismo, das poucas cidades e de muita ruralidade.... Falamos aqui de um distanciamento, não somente geográfico, mas principalmente cultural.

O recorte desta pesquisa situa-se em um período historicamente marcado pelas mudanças advindas da modernidade social, que interviram na estrutura social de forma geral e tiveram, nestas décadas, a configuração de uma transição do país agrário para um país que buscava modernização, compondo uma importante alteração da vida social e cultural. Os impactos<sup>2</sup> gerados por essas mudanças tiveram também na escola um dos centros institucionais para a constituição e disseminação dos valores e interesses coerentes com a nova ordem social. A escola viveu, portanto, um momento de valorização e reestruturação, sendo reconhecida como instância de fundamental importância no processo que se almejava transformador de um povo considerado, como em outros momentos da história brasileira,

---

<sup>1</sup> João Batista de Almeida Costa (2003), examina em sua tese de doutoramento a ideologia da mineiridade com o objetivo de identificar o lugar ocupado pelo norte de Minas e aborda os meios mobilizados pelos norte mineiros para resistir à desvalorização e à exclusão através de informações históricas, literárias e etnográficas, onde conclue que em Minas Gerais a hierarquização das diferenças culturais e identitárias delineam uma dupla identidade mineira: a baianeira(o norte) e a mineira.

<sup>2</sup> Nos referimos aos impactos de ordem social que alteraram o cotidiano das cidades e das pessoas, com o aumento da industrialização, as novas concepções artísticas, a organização dos Estados republicanos, que geraram novos hábitos na vida social, familiar e cultural.

sem identidade nacional, que, pertencendo a uma nação republicana, deveria incorporar as alterações impostas pela modernidade. A cultura escolar que se constitui neste período insere-se no movimento da modernidade pedagógica, que gerou uma ampliação dos espaços educativos escolares.

A educação precisava estar inserida no cotidiano das crianças, que, em interação com novas práticas escolares, poderiam cultivar as mudanças sociais almejadas pelo ideário que se implantava: diferentes linguagens para um único texto - a reforma do espírito público.

Prevendo a instrução “em massa” para população, a fim de preparar um novo povo para atender às necessidades do também novo mercado industrializado e da modernidade social vigentes, os caminhos educativos, via escola, foram entendidos como a forma capaz de desenvolver padrões de civilidade “adequados”.

Em Minas Gerais, o movimento de renovação da escola inicia-se na reforma de 1906, um marco na educação mineira, quando aconteceu a primeira organização de uma nova cultura escolar para este Estado. Uma Reforma, que teve “... em vista responder à expectativa de formar aqueles que seriam os cidadãos republicanos-civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros, - que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social.”<sup>3</sup> Através da Lei nº 439 de 28 de Setembro de 1906, o governo mineiro apresenta sua proposta para educação atendendo ao ideário republicano, onde a *modernidade* deveria aparecer de forma concreta aos olhos da população. Junto a esse pensamento e à tentativa de imposição do *novo* sobre o *velho* encontramos por parte dos administradores a preocupação com a reorganização dos espaços urbanos.

No início do século XX, os grupos escolares (que substituem as escolas isoladas) são vistos como um espaço privilegiado para a implantação desse processo, pois como *locus* educacional, são percebidos como modeladores dos hábitos e das atitudes. Em Minas Gerais a criação dos Grupos foi uma inovação oficializada na Reforma de 1906. Assim, a instituição escolar possuía também a tarefa de eliminar *atitudes viciosas* e promover a assimilação de *hábitos salutarés*, gerando a propagação dos costumes higiênicos. De acordo com Costa (1983), em uma referência à educação no período, no micro-universo dos colégios, a higiene antevia a sociedade ideal, mas o colégio só poderia cumprir realmente sua função através da implantação de uma disciplina e de um regulamento fundamentado na ordem.

As escolas isoladas e as diversas iniciativas de escolarização que aconteciam no Brasil até o final do século XIX, tinham sua formação centrada na figura de um professor, nomeado por órgãos governamentais ou procurado por famílias interessadas. Faria Filho e Vidal (2000), ao tratarem da organização estrutural do ensino primário no Brasil, denominam essas escolas de “escolas de improviso”, pois funcionavam em espaços improvisados nas casas de família ou dos professores ou em prédios públicos ou comerciais cedidos. Já com relação aos grupos escolares, denominando-os de “escolas-monumento”, os mesmos autores afirmam que estes eram construídos visando a monumentalidade, e permitiam “romper com o passado imperial [...]; os grupos escolares projetavam um futuro em que a República, o povo, reconciliado com a nação, plasmaria uma pátria ordeira e progressista”(p. 25).

---

<sup>3</sup>VAGO, Tarcísio M. 1999, p.32.

O surgimento dos grupos escolares provocou inúmeras alterações em tudo àquilo que estava direta ou indiretamente relacionado à instrução formal: nova organização dos espaços e tempos escolares, ampliação dos profissionais responsáveis pelo ensino e pelas tarefas administrativas na escola, discussão sobre métodos de ensino, entre outros.

O modelo arquitetônico neoclássico<sup>4</sup> projetado para os grupos escolares mineiros no primeiro quartel do século XX deve ser compreendido como aquele que fez parte de um conjunto de mudanças ocorridas no Brasil no período da implantação e consolidação da República<sup>5</sup>.

## 2-Grupos escolares no sertão mineiro

Mas Minas Gerais não é uma só! No período de 2006 a 2008, o GHES desenvolveu a pesquisa Educação, saúde e arquitetura nos Grupos Escolares Norte Mineiros: Ideário de novos espaços e sujeitos (1906 a 1937), abordando a construção dos primeiros Grupos Escolares das cidades de Montes Claros, Bocaiúva, São Francisco e Francisco Sá. Uma das conclusões deste estudo foi à constatação de que nestes quatro grupos escolares do Norte de Minas houve uma regionalização da arquitetura escolar ditada pelo novo governo além de uma economia de recursos no que se refere ao tratamento estético. A comparação entre os grupos escolares a uma *casa de fazenda* ilustra bem a questão do regionalismo, além disto os materiais de acabamento empregados eram encontrados facilmente na região. Apesar da racionalidade econômica do governo, os materiais apresentaram *boa* durabilidade e acabamento. Não foram encontrados mármore ou outras pedras nobres como em alguns prédios públicos, mas também não se utilizaram esteiras e panos como foi sugerido pela lei mineira de 1906. O aspecto estético das edificações empregou elementos neoclássicos mas o resultado final está longe da riqueza deste estilo, como foram construídos em outras regiões do Estado.

De que qualquer forma, estas construções criaram um impacto na sociedade da época. O que pudemos identificar pelos jornais é que apesar do *empobrecimento* estético dos grupos escolares com relação aos refinamentos do neoclássico, na realidade estes edifícios geraram um impacto nas cidades não só pelas suas características estéticas, que eram diferentes do que tinha sido feito até então, como também, pelos ganhos culturais e sociais. Desta forma, o ideal republicano simbolizado por estas escolas encontrou representatividade no norte de Minas Gerais. Para além das diferenças identificadas na análise arquitetônica entre os Grupos Escolares do norte do Estado e os da capital, por exemplo, também se distinguiam a cultura, a urbanização, as necessidades educacionais desta região sertaneja.

Em relatório da Secretaria do Interior de Minas Gerais, o então secretário Sr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, relata ao Presidente do Estado sua opinião em relação à feminilização da Escola Normal e a educação no sertão mineiro (1911, p.28):

---

<sup>4</sup> No Brasil, o estilo neoclássico foi bastante utilizado no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, com um retorno ao *cardápio* estilístico da arquitetura clássica que consistia na utilização de colunas, frontões de templos, adornos, alas laterais, simetria, uso de telhado com telhas francesas, escadarias monumentais, utilização do mármore, uso de estátuas, cornijas, arcos e utilização de jardins e fontes.

<sup>5</sup> Ver COSTA, 1979; CARVALHO, 1998; VEIGA, 2000; FARIA FILHO, 1996.

Formar o professor, deve ser o primeiro cuidado de quem pretenda organizar o ensino e, como consequência, aparece a instituição das Escolas Normas, tratada com verdadeiro carinho em todos os países civilizados. A reforma fundou na capital a Escola Normal modelo para o sexo feminino e instituiu a fiscalização equiparadas. Esta incompleto, no meu parecer, o ensino normal assim organizado, por que deveriam abranger ambos os sexos.

A orientação nova é para confiar-se o ensino primário à mulher; essa substituição, porém, só se poderá fazer, em nosso Estado, gradativa e lentamente. Dadas as condições actuais da inacessibilidade dos lugares e da rudeza do meio, a professora normalista não poderá, como o professor, afrontar os sertões; procurará naturalmente localizar-se na orla mais civilizada. O sertão mineiro é a resistência habitual do analfabetismo o mais grosseiro e indisciplinado e a professora não tem as condições de energia e resistência morais para desbravá-lo.

O ensino nessas paragens incultas merece mais amor e cuidados da administração do que da parte já quase conquistada pela iniciativa particular. Precisamos ainda do professor normalista e o meio de levá-lo ao sertão consistirá talvez em dar-lhe uma porcentagem a mais sobre os vencimentos ordinários.

O sertão é rude, grosseiro, nas palavras do secretário “paragens incultas”, resistência ao analfabetismo, orla menos civilizada, difícil para as mulheres professoras darem conta do processo educacional, devido as condições de energia e resistência morais para desbravá-lo, são necessários homens para esta difícil tarefa de educar o sertão mineiro. Para além das questões sobre a feminilização do magistério, que não é nosso foco neste estudo, vale ressaltar a tensão expressa na discussão sobre o papel da mulher da formação escolar, a caracterização de fragilidade da feminilidade e o incômodo e dificuldade de aceitação da delimitação da profissionalização do magistério às mulheres.

Nesse contexto, em atendimento ao artigo 4 da Lei no. 439, de 28 de setembro de 1906, foram criados no norte de Minas alguns grupos escolares. Esta pesquisa investiga o processo de implantação e as práticas pedagógicas do Grupo Escolar da cidade de Salinas, criado através do Decreto n. 2. 626 de 31 de agosto de 1909, da cidade de Pirapora criado em 21 de agosto de 1917, Decreto n. 4855, e o da cidade de Januária no Decreto 5.976, de 21 de fevereiro de 1922. Estas três cidades fazem parte da história do “acanhado” desenvolvimento regional desta região do Estado. A cidade de Salinas centralizou a expansão comercial agropecuária e as cidades ribeirinhas de Pirapora e Januária foram pólos de distribuição através das vias pluviais de comércio do Rio São Francisco.

### 3- A educação do corpo dos escolares sertanejos de Minas Gerais.

A transição secular configura-se como um período de alterações nas concepções do que denominamos educação corporal. Tabora de Oliveira (2006,p.17) salienta que tem orientado seus estudos considerando o tripé *spenceriano*, sobre o qual estava calcada a formação humana "(...) foi sobre a *educação physica* que recaíram os maiores esforços e investimentos de intelectuais, pedagogos, médicos e políticos que pensaram, a partir de diferentes pontos de vista, a escolarização como processo institucional de formação." Os corpos tornam-se objeto de intervenção, de domínio da ciência. Nesse contexto, o modelo corporal tido como ideal é oriundo desta modernidade e de um projeto civilizatório que possuía muitos de seus fundamentos nas idéias higienistas.

Para Soares (2001), nesse período, o corpo é objeto de conhecimento e de intervenção, é algo que se domina, é construção humana. Com isso instaura-se a busca de uma nova *ordem*, onde a educação corporal ocupava papel de destaque, pois o corpo é visto como um "conjunto de forças capaz de por em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos, preservar energia".

A crescente preocupação com a educação corporal dos indivíduos alimenta o ideal higienista, que cresce com a urbanização das cidades em decorrência do processo de industrialização. Com o deslocamento de grandes parcelas da população da zona rural para a urbana, as cidades passam a enfrentar diversos problemas por não apresentarem infra-estrutura para receberem este contingente populacional. A saúde da população será duramente atingida, o que abre espaço para atuação da classe médica no ordenamento das cidades e no estabelecimento daquilo que era considerado um comportamento saudável.

O corpo influencia e é influenciado pelo contexto que habita. Como Foucault (1987, p.80) assinala, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. Conforme observa Soares (2001), os corpos que se desviam de uma normalidade utilitária não interessavam. Desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deveria incidir uma educação que privilegiasse a retidão corporal, que mantenha os corpos apurados, retos.

A educação corporal pautada nos princípios apontados acima manifesta-se, no ambiente escolar, através de propostas pedagógicas que materializaram-se por meio de diferentes estratégias de intervenção nos hábitos corporais, como: a ocupação dos corpos nos espaços escolares, o mobiliário, a maneira de se vestir, os cerimoniais cotidianos, as festividades e a prática da Ginástica, conteúdo escolar obrigatório.<sup>6</sup>

À luz desses preceitos, a escola iria ensinar às crianças hábitos de saúde e moralização para o trabalho capitalista, quer seja regulando a postura da criança para assentar-se, ou indicando-lhe a carteira ideal, quer seja limpando-lhes as unhas antes de começar as aulas, ou ensinando-lhes a forma correta de segurar um lápis...

<sup>6</sup> Vago (2002) analisa de que maneira a Educação Física e a ginástica se consolidaram como práticas constitutivas dos corpos das crianças no ensino público primário de Belo Horizonte entre os anos de 1906 e 1920. Neste sentido, analisa as diversas influências que fizeram com que a prática de atividades físicas estivesse presente no interior da escola, desde sua implantação. Nesta abordagem, indica que essa prática sistematizada de exercícios possuía diversas denominações, dentre elas, exercícios físicos, exercícios calistênicos, exercícios ginásticos, gymnástica e outros.

A presença da Educação Física, ou sob a forma de ginástica ou sob a forma de exercícios físicos, está presente nas escolas brasileiras desde o final do século XIX<sup>7</sup>. Esta afirmativa se ratifica ao constarmos alguns registros pertencentes à época, como pareceres e leis, municipais e estaduais, embasadas na necessidade de pessoas ligadas a área das ciências biológicas no cerne da instituição escolar.

Quando abordamos as práticas corporais escolares, estamos nos referindo a um conjunto de manifestações intra-escolares que indicam ou podem indicar as formas como foi concebida ao longo do tempo a escolarização e o seu papel na formação humana. Essas práticas superam aquelas práticas ou atividades feitas apenas na Educação Física. Estão relacionadas com a organização do tempo e do espaço escolar, com a disposição das cadeiras, do mobiliário, e chegando às manifestações corporais – autônomas ou tuteladas- dos alunos como as brincadeiras e as formas de comportamentos.

Neste pensamento, Vago (2002) destaca o “cultivo de corpos”, ao controle das manifestações corporais e culturais e de que forma a instituição da escola graduada incorpora e contribui para o processo de educação das massas. Sendo assim, a preocupação com *os controles* estava relacionada com uma esfera social maior. E assim, nos apropriando do questionamento de Oliveira (2006) qual rico espaço poderia ser mais adequado para a massificação dos exercícios físicos do que a escola que estava sendo reformulada?

O Programa do Ensino de Minas Gerais para a escola primária de 1906 trás os conteúdos propostos para a cadeira de exercícios físicos, o tempo e o espaço determinados na organização escolar para “cultivo dos corpos”, para concretização das práticas saudáveis, disciplinadas e ordeiras necessárias a formação corporal do povo mineiro.

#### Instruções

##### Exercícios físicos

Não se descuide desta parte da educação das crianças na escola, porque della depende o desenvolvimento físico dos futuros cidadãos, muitos dos quaes não terão em suas casas os meios e occasiao dos exercicios que a escola lhes póde proporcionar.<sup>8</sup>

Dentre os conteúdos do primeiro ao quarto ano estão distintamente evidenciadas as diferenças das atividades masculinas e femininas<sup>9</sup>. Para os meninos: brincar em liberdade no pátio, com assistência e intervenção do instrutor; marchas militares; posições e passos diversos; movimentos militares; formar em linha; variações de marcha; variação da direção por fileiras. Ainda é ressaltado em nota que: em todas as evoluções serão observadas estritamente as regras militares. E para as meninas: brincar em liberdade, no pátio, alterando este exercício com o de *extensão* e *flexão* de músculos, que serão executados metodicamente, no salão ou no pátio, á sombra.

<sup>7</sup> Ao encontro do pensamento dos autores OLIVEIRA (2003); SOARES (1998); VAGO (2002).

<sup>8</sup> Decreto n.1947- de 30 de setembro de 1906. Approva o programa do ensino primário p.110

<sup>9</sup> Eustáquia Salvadora de Sousa (1994), aborda esta discussão em sua tese intitulada: *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*

O que estava posto oficialmente pelo Governo do Estado enquanto projeto civilizatório e modernizador para educação escolar é um importante parâmetro estrutural para nossas análises. Mas como esta proposta foi incorporada a realidade sertaneja do norte de Minas? Esta questão nos levou a árdua tarefa de “garimpar” documentos e informações *in locu*.

#### 4- O desafio historiográfico

Interessa-nos neste texto socializar os desafios e dificuldades que temos enfrentado para desvelar através de abordagem histórica a proposta da educação corporal destes grupos escolares localizados no norte de Minas Gerais no período de 1906 a 1927. Além do levantamento bibliográfico, já iniciado, a identificação de fontes sobre os primeiros Grupos Escolares das três importantes cidades da região norte-mineira do estado tem sido um difícil garimpar de informações, dada a escassez de registros e documentos. Metodologicamente, ao focar a implantação de três instituições escolares optamos por uma abordagem comparativa. Tomamos como unidades teóricas comparativas as demarcações de *espaço, tempo e corpo*. Além dessas, estaremos considerando os critérios empíricos de critérios gerais para a construção estética e arquitetônica - como tamanho das salas, pátios internos e externos, biblioteca, e outros - dos grupos escolares em estudo e sua relação com a legislação mineira; a distribuição de tempo(s) dentro das escolas - análise a partir dos documentos específicos de cada escola e da legislação. O delineamento da pesquisa inicialmente foi planejado mediante análise de fontes escritas primárias e secundárias. Especificamente, quanto às fontes primárias foram recorrentes os documentos legais e oficiais do Estado de Minas Gerais. A constituição das fontes de base empírica foram delineadas, a princípio, a partir de: leis, portarias, resoluções, discursos de parlamentares e do poder executivo, notícias de jornais que informem sobre a qualificação e os critérios para construção dos grupos escolares; registros que especifiquem informações sobre as construções, orçamentos, aquisição de mobiliário; registros que especifiquem o funcionamento dos grupos escolares em estudo em relação às práticas de controle dos corpos; relatórios de inspetores que demonstrem uma avaliação do espaço físico e de sua ocupação; registros sobre as práticas corporais dentro e fora da escola no período; registros sobre práticas corporais sistematizadas como a ginástica ou exercícios físicos, realização de festividades escolares, e outros.

No entanto, quando iniciamos a fase da coleta de dados nas cidades nos deparamos com o que estamos chamando desvelar a educação dos corpos de escolares sertanejos em Minas Gerais como um desafio historiográfico. A busca de dados nas cidades tem sido uma agradável e decepcionante experiência. Agradável no sentido de conhecer as cidades os Grupos Escolares, as pessoas envolvidas com as histórias de escolarização, e decepcionante pela escassez de documentos e registros. Temos identificado o descaso, a imprudência, a desinformação da importância de se preservar a história. Relatos de enchente, de diretoras inimigas da gestão passada, de professores que não gostam de “coisas velhas”, de histórias que não encontramos nos “papéis”.

Os procedimentos metodológicos mobilizados para realização da pesquisa sobre a cultura corporal nos grupos escolares norte-mineiros, deu-se através de um recorte temporal que contempla o período de 1906 a 1927, devido as datas de criação dos grupos e o limite de duração de vigência da reforma de 1906, tendo em vista a Reforma Francisco Campos de 1927 no Estado. As fontes empíricas que procuramos como relatórios dos professores, plantas escolares, fotos, manuais de higiene, educação física



e gymnastica, não conseguimos localizar. Não encontramos dados disponíveis, como compreender a escolarização? Nos vemos diante da realidade de escassez de fontes documentais que possam ser utilizadas de acordo com o que planejamos, não encontramos nos de arquivos, acervos e documentos que forneçam a nós conhecimento sobre como ocorreram esses processos silenciados na história.

Fez-se necessário a revisão metodológica do projeto, um novo olhar de como não calar a vontade e a decisão de reconstituir esta história de escolarização dos corpos sertanejos. Este fato marcou nosso encontro com a identificação de moradores idosos escolarizados no período em análise. Recorrer aos estudos de memorialistas e aos relatos orais foi a opção aprovada pelo grupo de pesquisa, afim de darmos continuidade ao projeto sem desestruturar nossa proposta inicial. Estendemos a necessidade do alargamento das possibilidades de fontes<sup>10</sup>, da busca de uma historiografia menos estereotipada, menos centrada nos documentos, mas possível através dos recursos humanos, dos sujeitos históricos, das vozes e das falas.

Identificar que atividades e manifestações desenvolviam corporalmente alunos e professores, só será objeto de estudo histórico no processo de escolarização destes Grupos Escolares a partir das ‘falas’ de poucas pessoas ainda vivas, e ou em boa condição de saúde física e mental para responder às nossas questões. No entanto segundo Moraes (2002) “o uso de fontes orais produzidas através da metodologia da história oral não é um ponto pacífico: muitas vezes é vista com suspeita e avaliada de forma negativa”. Mas, a memória vem sendo motivo de debates e interesse de muitos historiadores, valorizando a construção do passado, baseado nas emoções e vivências. A flexibilidade das lembranças dos acontecimentos a luz da experiência e da vivência nos instiga agora a aprofundar nesta perspectiva metodológica. A interação entre memória e história, nos possibilita a declaração direta das falas, com rigor científico para reconhecer que a possível falta de veracidade dos relatos, pode ser vista também, de outra maneira, não como uma desqualificação<sup>11</sup>. Assim, abordaremos a história oral como uma metodologia, que gerará fontes alternativas para cruzamento de dados das fontes oficiais, como o Programa de Ensino de 1906 e os relatos das pessoas, agora constituintes reais de nossa pesquisa. Segundo Joutard (2005, p.58), “ Não podemos ter para com quem nos confiou uma parte importante de si próprio a mesma atitude que temos para com os documentos escritos”.

Reavaliar metodologicamente nossa pesquisa não foi tarefa fácil, entre o anseio de realização da investigação e a insegurança metodológica, ficamos em parte frustrados com o quadro de ausência de fontes, em parte desafiados a solucionar as dificuldades desta historiografia. A opção metodológica assumida posteriormente ao delineamento da pesquisa, nos fez refletir sobre a necessidade constante do historiador de estar revisitando seus paradigmas e suas perspectivas de análise.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, Ago. 1999.

<sup>10</sup> Ver Nunes, Clarisse. e Carvalho, Marta. M. C. de. *Historiografia da educação e fontes*, 1993.

<sup>11</sup> Segundo Marieta de Moraes (2002) a fonte oral pode ser adicionada para a pesquisa como mais uma fonte, aceitando que a história oral ocupe um novo espaço nos debates historiográficos.

- BUFFA, Éster & PINTO, Gelson. *Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971*. São Carlos: Brasília: EdUFSCar/INEP, 2002.
- BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARVALHO, Marta M. C. de. *Molde Nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de educação(1924-1931)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.
- Colleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial.
- COSTA, João de Almeida. *Mineiros e baianos: englobamento, exclusão e resistência*. Brasília: UNB, 2003. (Tese de Doutorado em Antropologia Social)
- COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos Pardieiros aos Palácios: forma e cultura escolares em Belo Horizonte (1906/1918)*. São Paulo: USP, 1996. (Tese de Doutorado em Educação).
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 19-34, 2000.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína(org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2005. 7 edição.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Historia, tempo presente e historia oral*. Rio de Janeiro-RJ: Topio, 2002, pp.314-332.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JOUTARD, Philippe. *História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína(org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2005. 7 edição.
- NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta M. C de. *Historiografia da educação e fontes*. In: *Trabalhos apresentados na 15 reunião anual da ANPED n 5*. Porto Alegre: Cadernos ANPED, 1993.
- OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de (org.). *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.
- PAGNI, P. A. A prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: CEFD/Ufes, 1997.
- SOARES, Carmem L. *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*, 1994 .Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas-SP.
- VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.
- VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes; FARIA FILHO, Luciano Mendes de & VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp 397-422.

Elisângela Chaves  
Mestre em educação- Docente na UNIMONTES

Anne Karen da Silva Mendes  
Bolsista Fapemig- UNIMONTES

